

INTERCÂMBIO AGROECOLÓGICO

As visitas às unidades de produção agroecológicas são uma ótima oportunidade de troca de experiências entre mulheres que produzem de forma saudável. Neste II PFFA, as participantes conheceram o horto medicinal de uma das coordenadoras do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) de Chapecó, a agricultora Rosalina Nogueira da Silva. A “dona Rosa”, como é chamada, contou as origens do MMC na região e mostrou a enorme diversidade de cultivos e da produção do grupo de mulheres ao qual pertence. Além da calorosa recepção, com direito a perfume de rosas e chá medicinal, a agricultora socializou alguns dos conhecimentos que ela adquiriu, ao longo dos anos, com a homeopatia e ervas medicinais.



CADERNETA AGROECOLÓGICA

A Caderneta Agroecológica é muito importante para registrar a produção das mulheres na propriedade, seja para aqueles produtos que geram renda (que são vendidos ou trocados) e até aos que são consumidos pela família. E para aparecer é preciso anotar, senão é esquecido! Queremos que o trabalho envolvido nesta produção, além de toda economia que ela gera e a contribuição para a segurança alimentar, sejam visíveis para a família e para a sociedade! Então você que já aprendeu a fazer as anotações na caderneta explique a quem ainda não sabe.

Qtd	Consumiu	R\$	Qtd	Deu	R\$	Qtd	Trocou	R\$	Qtd	Vendeu	R\$
	Registre aqui o que a sua família utiliza da produção.			Registre aqui o que foi doado a qualquer pessoa..			Registre aqui o produto da sua propriedade que você usou na troca.			Registre aqui o produto que você vendeu.	

Maria participe! Vem com as outras! Participar é ajudar a transformar!

O informativo “Maria vem com as outras” é uma publicação do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Endereço: Sítio Alfa-Violeira, Zona Rural, Viçosa/MG – cx.pt 1 28 CEP: 36570-000 – Tel: (31) 3892 2000 - E-mail: cta@ctazm.org.br / site: www.ctazm.org.br. Texto: Angélica Almeida. Revisão: Liliam Telles e Nina Pinheiro. Arte gráfica: Oswaldo Santana. Tiragem: 1000 exemplares.



Esta publicação foi produzida como o apoio da União Européia. O conteúdo desta publicação é de exclusiva responsabilidade do Centro de Tecnologias Alternativas -CTA-ZM, e não pode, em caso algum, ser tomado como expressão das posições da União Européia.



Maria vem com as outras

Nº 2, Fevereiro de 2015 – Informativo do Projeto Mulheres e Agroecologia em Rede



Este é o segundo “Maria vem com as outras” da região Sul. Nele você confere informações sobre o II módulo do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA), realizado em Chapecó (SC), entre 2 a 4 de dezembro de 2014. Aproximadamente 25 mulheres do Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina participaram da formação.



“Maria vem com as outras” traz a alma dos conteúdos e debates realizados neste segundo módulo, com os resultados das trocas de saberes, sabores e experiências das participantes. Avança a discussão sobre Feminismo e Agroecologia, priorizando as reflexões sobre estratégias de superação das formas de violência contra as mulheres.



(Fragmentos da poesia “Luta Permanente” de Sandra Marli da Rocha Rodrigues)

Violência é violência, não importa qual:
Física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial.
Todas deixam suas marcas e causam um grande mal.
Nosso corpo a nós pertence, não está à disposição,
Dos valores do sistema e da mercantilização.
A mulher tem o direito de não aceitar o padrão.
Viver livre de estereótipos, discriminação,
Violência e exploração.



A agroecologia vai além do cultivo da roça, da atividade da pesca, do extrativismo, da produção de artesanato. A agroecologia questiona e propõe novas práticas e comportamentos, novas relações entre homens e mulheres; cuida e constrói transformações no mundo no âmbito das relações de gênero. Neste sentido, o feminismo e o movimento agroecológico trazem para a roda o debate sobre as formas de violência contra a mulher, apontando a necessidade da construção de mudanças, ações e diálogos dessa temática nas comunidades, nos Sindicatos, nas rádios comunitárias, nos grupos e movimentos de mulheres e mistos.

“O que me agride, me machuca, me faz mal?”



O que eu gosto, o que me faz bem?”

Para iniciar a discussão sobre as diferentes formas de violência que atingem a vida das mulheres, entregue a cada agricultora duas folhas e canetas e estimule a reflexão sobre a vida e o corpo da mulher. Em um primeiro momento, peça que a participante desenhe o próprio corpo e responda à pergunta: “O que me agride, me machuca, me faz mal?”. Na segunda folha, convide a participante a desenhar um coração e descrever “O que eu gosto, o que me faz bem?”.

O corpo da mulher é tratado como mercadoria no contexto capitalista e patriarcal e se faz necessário questionar os padrões inalcançáveis de beleza que são impostos socialmente e reproduzidos pelos meios de comunicação. Desde a infância, o modelo do que é feminino é vendido por meio das propagandas e até mesmo através dos brinquedos. “Todo mundo se acha no direito de dizer se você cabe, ou não, em um padrão. O que leva a pessoa a de fato acreditar que ela não pode ser o que ela é.”, relata uma das participantes.

Há várias formas de interferências na vida afetiva e sexual da mulher. Em um sistema que exige a virgindade feminina e que reforça a virilidade masculina; que julga e identifica a “mãe solteira” e “separada”; que retira o direito da mulher de viver sua orientação sexual e escolher se quer, ou não, ser mãe. Neste contexto de violência, é reforçado o lugar de tutela da mulher, que não pode responder pelos próprios atos, mas precisa ser responsabilizada por alguém até mesmo no ir e vir, e não tem autonomia para se vestir da forma como gostaria sem sofrer preconceitos.

É necessário compreender como o patriarcado estrategicamente se mantém como um sistema social e perceber como ele atinge relações entre os homens e as mulheres. É algo cultural, que se naturalizou e que tenta nos convencer que não pode ser mudado. Mas nem sempre foi assim, há diferenças que são naturais, mas há muita coisa que é construída socialmente. E para mudar, é preciso desnaturalizar as relações de poder.



“Eu tenho um ótimo companheiro político. Mas em casa eu tenho que lembrá-lo que eu não sou empregada dele.”

Para superar a violência é fundamental a auto-organização e a solidariedade entre as mulheres!

Movimentos e espaços feministas nos dão oportunidade de pensar sobre a condição das mulheres e enfrentar coletivamente as diferentes formas de violência presentes em nossa sociedade. O feminismo não é uma vacina, com soluções prontas, mas sim um processo em construção de novas relações entre as pessoas.

A auto-organização e a solidariedade feminina são aspectos fundamentais para romper com o machismo e o patriarcado. É necessário desnaturalizar a ideia de que a violência é uma realidade apenas pessoal e que deve ser resolvida no âmbito do lar. Clichês como “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” e “roupa suja se lava em casa” devem ser questionados para avançarmos na garantia de direitos femininos. Precisamos denunciar a violência contra a mulher e não podemos menosprezar a dificuldade que muitas companheiras têm em sair do ciclo vicioso da violência. Em um contexto complexo de dependência emocional, afetiva (ideal do amor romântico construído desde a infância) e muitas vezes financeira, a solidariedade feminina precisa existir para a superação das opressões.



Rádio Comunitária e Cinema Feminista

A comunicação é uma ferramenta muito importante durante os encontros de mulheres. Estimule a criatividade e a expressão das participantes por meio da rádio comunitária. Poucos instrumentos são necessários para integrar e desinibir as agricultoras! Os vídeos também contribuem para abordar os temas de modo mais lúdico e apresentar situações compartilhadas pelas mulheres. Neste PFFA, por exemplo, foi exibido o filme “Preciosa”, o que gerou um debate muito rico entre as participantes.



“Companheiras falaram de casos de violência muito íntimos e, quando você expõe para o grupo, já é uma forma de se libertar da violência que fica e que causa um medo muito grande em nós. No momento que a gente tem coragem e consegue se abrir, em algum espaço que se sente respeitado, a gente consegue se libertar”.

Como as tarefas são divididas na sua unidade de produção? Todos participam dos serviços na roça e dentro de casa?

Mapa da Divisão Sexual dos Trabalhos



Esta dinâmica tem como objetivo evidenciar quais espaços são ocupados por mulheres e por homens nas unidades de produção. Entregue cartolina e pinceis para que cada agricultora desenhe o mapa com a diversidade de cultivos e criações animais existente em suas unidades produtivas. Estimule que sejam lembrados todos os espaços (casa, quintal e lavoura). Logo após, peça que as participantes identifiquem em quais destes espaços as mulheres e os homens dedicam seu tempo e seu trabalho. Cada agricultora apresenta sua realidade para as demais e uma reflexão é feita.

Esta dinâmica tem como objetivo evidenciar quais espaços são ocupados por mulheres e por homens nas unidades de produção. Entregue cartolina e pinceis para que cada agricultora desenhe o mapa com a diversidade de cultivos e criações animais existente em suas unidades produtivas. Estimule que sejam lembrados todos os espaços (casa, quintal e lavoura). Logo após, peça que as participantes identifiquem em quais destes espaços as mulheres e os homens dedicam seu tempo e seu trabalho. Cada agricultora apresenta sua realidade para as demais e uma reflexão é feita.

“O trabalho da mulher é mais visto quando ela está envolvida na produção, mas existe uma série de outros trabalhos que não são valorizados e valorados e que são imprescindíveis para a sustentação das unidades de produção. E este é um tipo sério de violência: a sobrecarga. Ainda mais quando é uma sobrecarga que não está explícita e muito menos é valorizada dentro do ambiente da família”.